

O policiamento da escrita

Nasceu em Lisboa, em 25 de Setembro de 1944 e por aqui tem residido, estudado (licenciou-se em Direito) e trabalhado (advocacia e, mais recentemente, aulas de "escrita de argumento" na Escola Superior de Teatro e Cinema). A sua escrita, notam alguns críticos, reflecte esse "pendor urbano e sobretudo lisboeta", se bem que João Gaspar Simões, a propósito do livro de estreia *Contos da Sétima Esfera* (1981), tenha dito que Mário de Carvalho era um "contista que bem poderia ter colaborado no 'Talmude', na 'Lenda Áurea' ou nas 'Mil e uma Noites'".

Mário de Carvalho é um homem de partido e de causas (após a prisão, teve que se exilar em França e na Suécia para evitar o presidio militar de Penamacor, por questionar politicamente a guerra colonial; *Os Alferes*, de 1989, falamos dessa geração estudantil contestatária). No entanto, no campo literário, tem-se mantido fora de qualquer escola.

O seu trabalho desdobra-se, com sucesso, pelo romance, conto, tradução, teatro e guionismo para cinema. Recebeu os prémios Cidade de Lisboa, Dom Dinis, Fernando Namora, Grandes Prémios da APE do Conto, do Romance e Novela, e do Teatro, e o prémio Pégaso de Literatura.

Estamos perante um exímio escritor, na arte impar de contar histórias com humor, sarcasmo e lucidez.

Vinte anos de carreira literária, 18 livros publicados. Uma actividade gratificante. Registo, pelo menos, sete prémios, sendo três grandes prémios (os da APE) em géneros distintos - conto, romance e teatro. Só falta a poesia...

Um autor, de que me não recordo agora, dizia não fazer poesia porque "não gostava de falar de si". Eu não me atrevo a escrever poesia; é uma coisa tão elevada e distante. A minha área é a da narrativa e das histórias.

Recordo aqui uma apreciação, já antiga, do Urbano Tavares Rodrigues que o considerava como "insólito e cativante contador de histórias que alia ao mais solto humor uma riquíssima mas policiada imaginação". Revê-se nestas palavras?

Essas observações do Urbano Tavares Rodrigues são muito próprias duma generosidade e amabilidade, amplamente conhecidas. É muito curioso, já nessa altura ele ter notado o "policiamento" da escrita. Mas à medida que os anos decorrem eu sinto-me cada vez mais vigiado naquilo que escrevo. É como se, de facto, houvesse vários "polícias" instalados à minha volta. Um que se preocupa em chamar à atenção para a verosimilhança das situações, outro para as banalidades, os lugares comuns e o "dejá vu", outro para a correcção da prosa, que manda consultar o dicionário, outro para a eufonia, a prosódia da língua portuguesa, que manda sentir-lhe o ritmo, etc.

"Policiamentos" mais relacionadas com a forma e o rigor do que com a imaginação?

Sinto que quando comecei a escrever era mais espontâneo e até mais atrevido. Com a idade e a experiência da escrita, essa alegria de escrever foi-se esbatendo. A escrita tornou-se mais contida, mais profissional

É-se mais ousado nos primeiros trabalhos?

Sim, mais ousado, mais descarado, mais despachado. E também mais autocomplacente. Depois passamos a ser muito exigentes connosco próprios.

Em que medida é que ser advogado lhe facilita ou dificulta a produção da escrita ficcional?

Há uma associação de escritores juristas, de que faço parte com muita honra, que edita a revista *Foro das Letras*. Há vários anos que deixei de exercer advocacia; é uma profissão que tem uma escrita especial, uma escrita teleológica, destinada a um certo objectivo; ali trata-se de separar os factos, separar o Direito e saber sempre em que terreno é que estamos. A prática da advocacia (com uma escrita técnica, essa sim policiadíssima), que em dado momento foi bastante intensa, acabou por me facilitar muito o separar de águas [na escrita ficcional]. Costuma-se dizer que os escritores são um bocado esquizofrénicos, repartem-se por várias personagens, vivem várias situações, às vezes, utilizam vários estilos e várias linguagens. Eu penso que consigo separar muito bem a realidade da ficção, não misturo as duas coisas. Faço questão de saber sempre em que terreno me encontro.

Algumas das suas obras recuam muito no tempo histórico (*Quatrocentos Mil Sestércios*, *Um deus passeando pela brisa da tarde*, *A Paixão do Conde de Fróis*, entre outras). É uma forma de fugir à realidade dos dias de hoje?

Quatro mil, cinco mil anos de história (que se conta a partir dos primeiros registos escritos) é um período muito curto na existência da humanidade. O homem contemporâneo, o medieval ou o romano são o mesmo homem. Ainda não se inventou aquilo que se chamava o "homem novo" (ou a invenção deu mau resultado). As pessoas ficam muito admiradas quando eu desconfio das utopias. Mas nas coisas do mundo real sou muito prático e muito concreto. Tal

como na política. No mundo da ficção, aí sim, cabem todas as utopias e todos os delírios.

Na sua escrita ficcional, a preocupação de enorme rigor na reconstrução de cenários do passado, leva-o, creio, à consulta de muita documentação de referência, o que implica investigações minuciosas (históricas, terminológicas, ...).

Isso tem a ver com a minha formação de base, clássica, e com o facto de eu ser extremamente curioso; uma altura interessei-me por marinharia (eu que enjoo quando atravesso o Tejo!) e deu *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* (1982). Tenho tido particular interesse pela antiguidade clássica - Roma (*Quatrocentos Mil Sestércios*, 1991, *Um deus passeando pela brisa da tarde*, 1994). Assim como pela Idade Média, *O Conde Jano*, ou pelo século XVIII (*A Paixão do Conde de Fróis*, 1988).

Queria agora que me falasse desse exercício de escrita, em parceria, com a Clara Pinto Correia. E se tivesse a bondade de me dizer porquê (1986) é uma obra curiosa em 30 capítulos, escritos alternadamente pelos "contra-autores", com base num "pacto" de 10 pontos anunciado na abertura do livro. Conte-me lá essa experiência a duas mãos.

É o que está à vista. Eu e a Clara não nos encontrávamos; enviávamos, por correio, os textos para o jornal e para o outro. Depois tínhamos que dar seguimento, em cada capítulo, à situação que o outro tinha colocado as personagens. Também é verdade que o imaginário da Clara e o meu são completamente diferentes.

Dá a ideia que o texto que vos deu algum prazer?

Deu. Foi uma proposta lúdica, e passado este tempo todo ainda tem alguma graça. O livro tem uma particularidade curiosa: antecede a Perestroika e há ali sinais de que se vai passar alguma coisa. Pressentia-se que algo estava a mudar.

Qual é a sua opinião sobre a moda dos workshops de "escrita criativa" por onde passa muito a ideia da construção do texto interactivo?

É como o "Melhoral", não faz bem nem faz mal...Tudo o que sirva para interessar as pessoas pela leitura, seja benvindo.

Essas interactividades não fazem parte do meu campo de interesses imediatos. Embora tenha já trabalhado com miúdos, a partir do Instituto de Tecnologia Educativa. Fizemos histórias em conjunto com várias escolas, num processo algo parecido com o que hoje se designa por *chats*.

Tem escrito bastante para teatro e muitos desses textos têm sido representados (O Bando, Teatro Aberto, Malaposta, Aloés...). Neste sentido, é um trabalho eficaz e gratificante. Sei que acompanha, muito de perto, o "pôr a peça em cena".

Faço "trabalho de mesa". Troco ideias com o encenador e os actores.

Acaba portanto por rescrever o texto original?

Sim, são muito úteis essas conversas com o encenador e o grupo de actores. Mas já não gosto de ouvir o meu texto dito no palco. Incomoda "ouvir-me". Detesto ensaios e rodagens. Tenho uma sensação de desconforto.

Bem contrária é a sua experiência como guionista de filmes. Alguns escrevem-se e não dão em nada, ou seja, o filme não se faz ou nunca chega a ser exibido.

Costuma-se dizer que os romances não são acabados, são abandonados. Podia-se dizer isto com mais propriedade sobre os guiões de cinema. Escrevem-se, dão trabalho e, depois, por qualquer razão, quase sempre alheia à qualidade da escrita, são deixados de lado.

Enquanto a peça de teatro suporta a leitura autónoma, já ninguém tem a pachorra de ler um guião de um filme. Se não se faz, vai para o lixo...

Há em vários livros seus, referências que denotam uma posição crítica em relação ao funcionamento do nosso sistema de ensino, à forma como os professores operam e, em particular, à forma como mal tratam a língua.

O ensino está massificado e generalizado, o que, em si, é um bem. Está a reproduzir cada vez mais a leviandade, a futilidade, a falta de rigor e a ignorância que grassam no conjunto da sociedade e isso é um mal.

É muito preocupante a iliteracia, a ignorância da língua e da História. Mas isto não se resolve com a "menina de cinco olhos". Quanto ao uso e abuso do Inglês, dá a impressão que se está a instalar, entre nós, uma espécie de mentalidade de colonizado. Sem cairmos na histeria patrioteira há que procurar inverter este rumo.

Como vê a desvalorização curricular da Literatura na aprendizagem do Português?

Vou-lhe contar uma história muito engraçada que se passou com o escritor Augusto Abelaira. Ele estava preocupado porque não sabia como resolver certa dificuldade gramatical. Então foi consultar uma gramática (creio que a do Prof. Lindley Cintra) e encontrou esse caso documentado com uma citação dele próprio, Augusto Abelaira. Quem é que mexe e remexe na língua escrita e a vai transformando? Os escritores, que alguns patetas tecnocratas (atenção que o analfabetismo vem-se instalando em escalões muito altos) querem banir do ensino.